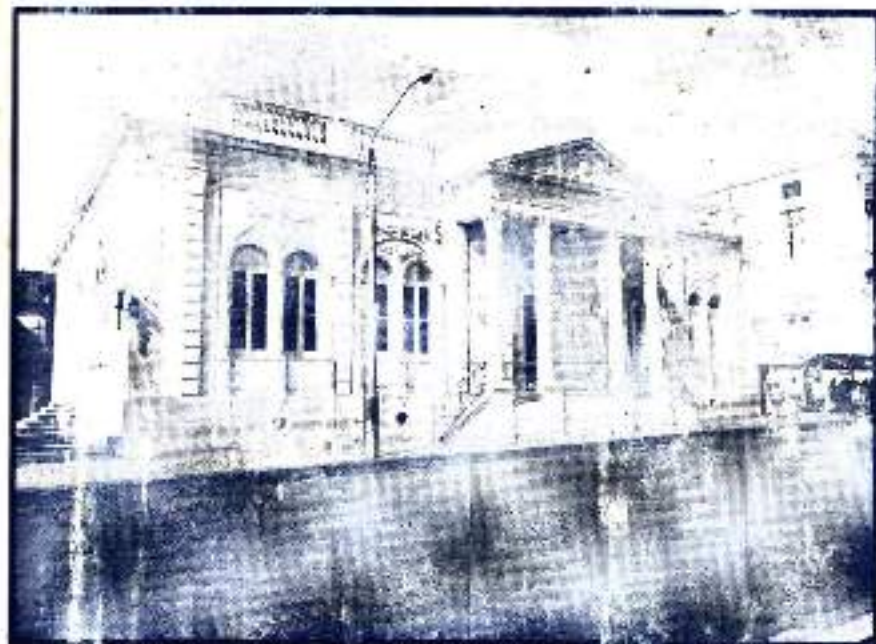


# HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO  
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

# HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPeI  
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPeI</i>

**Reitor:**

Prof. Antonio Cesar Gonçalves  
Borges

**Vice-Reitor:**

Prof. Daniel Souza Soares  
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-  
Graduação:**

Prof. Alci Enimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e  
Cultura:**

Prof. Francisco Elifaete  
Xavier

**Pró-Reitora Administrativa:**

Prof. Inguelore Scheunemann  
de Souza

**Pró-Reitor de Graduação:**

Prof. Paulo Roberto Soares de  
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e  
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva  
Cunha

**EDITORA UNIVERSITÁRIA**

**Diretor:**

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

**Gerente Operacional:**

Bel. Manuel Antonio da Silva  
Tavares

**Planejamento Editorial:**

José Hermínio Barbuchã

**Diretor:**

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

**Vice-Diretor:**

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação  
Histórica da UFPel**

**Coordenação Administrativa:**

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de  
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e  
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

**Movimentos Populares:**

Profª Beatriz Ana Loner

**Antropologia:**

Profª Flávia Maria Silva Rieth

**Imigração e Gênero:**

Profª Lorena Almeida Gill

**Conselho Editorial:**

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi  
Ferreira

**Técnicos Administrativos:**

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e  
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da  
Costa

**Ficha Catalográfica:** Vera Ruth Machado Campelo

---

**História em Revista.** Pelotas: Instituto de Ciências Humanas; Núcleo  
de Documentação Histórica/UFPel, nº 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	07
<b>II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA</b>	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL .....	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO.....	29
Temístocles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER.....	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
<b>PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel</b>	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo.....	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS.....	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falcão	
<b>HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA</b>	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES.....	97
Álvaro Moreira Hypolito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS .....	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL .....	137
Francisca Michelon	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELOTAS .....	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE .....	175
Maria Leticia Mazzucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA .....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES .....	201
Pedro Paulo A. Funari	
<b>ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO</b> .....	209
<b>RESENIAS</b>	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível" .....	255
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial" .....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

## APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEI foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

## RESENHA

**PRIORE, Mary Del. "Festas e utopias no Brasil Colonial". São Paulo, Brasiliense, 1994.**

**Edgar Rodrigues Barbosa Neto  
Acadêmico de História ICH/UFPEL**

Ao adentrar-mo-nos em um território como esse, referente a história da festa, devemos levar em consideração que só recentemente na historiografia brasileira a festa tornou-se, com plenos direitos, objeto de estudo. Todavia, hoje ela é, seguramente, objeto da História. Não podemos deixar de apontar que isso se deve a um "duplo estímulo: do *factore* e da antropologia". "Por frequentar um e outro campo, o historiador aprendeu a levar em consideração a armadura que a ritualização dá a existência humana", ou seja, ele passou a considerar como pertinente todo e qualquer estudo que tenha como incidência a análise de ritual. (Ozouf, 1988:217). É justamente do estudo de um ritual que nos fala a autora, estudo de um espaço ritualístico frequentado por membros de diferentes segmentos sociais constituintes da antiga sociedade colonial, a festa.

O historiador ao adicionar a seu instrumental teórico novos objetos, no caso, a festa, depara-se com um problema fundamental, qual seja, a problematidade das fontes, quer dizer, como atingir a forma pela qual a cultura das classes subalternas significavam a festa, já que grande parte da documentação provém quase que exclusivamente de uma escrita solene, oficial? Mary del Priore tem

como certa tal problemática, justamente por considerar que o "historiador nunca interroga senão despojos, e estes raros despojos provêm mais ou menos, quase na generalidade, de monumentos construídos pelo poder; tudo que é novo na vida, tudo o que é popular lhe escapa". (Duby, 1982:19). Assim sendo, ela busca interrogar suas fontes de duas formas; na primeira, ela irá apreender o significado da festa para aqueles pertencentes à cultura de elite (cultura oficial), bem como, a forma pela qual significavam a cultura das classes subalternas. Pelo exposto acima, tal tarefa não se configura como sendo a mais difícil, pelo contrário, ela nada mais faz que ler o dito das fontes. Na segunda, necessariamente a mais difícil, ela busca inquirir o significado atribuído a festa pela cultura popular (cultura não oficial), ou seja, aqui ela irá trabalhar em cima daquilo que a documentação oficial não diz, o não dito das fontes. É claro, não podemos deixar de notar que aqui a autora irá contar com a ajuda daquele que, provavelmente, foi um dos melhores narradores das coisas do Brasil Colônia, Gregório de Matos Guerra (Boca do Inferno). Nas palavras dela, "as descrições de episódios da festa na pena do poeta baiano revelam com nitidez os movimentos que deixavam a festa de ponta cabeça" (p. 106).

O objetivo principal da autora nessa obra é buscar desvendar quais os significados que a festa possuía para os vários segmentos da sociedade colonial. Atentamente podemos perceber que no próprio objetivo está contida uma afirmação que, sem dúvida, torna-se rica em conseqüências por nos remeter, diretamente, à própria tese da autora, isto é, que a festa não armazena um único significado, mas vários, em outras palavras, a festa é um ritual polissêmico. Esta polisssemia está ligada a apropriação que os diferentes grupos constituintes do espaço

festivo fazem desse mesmo espaço. Em um primeiro momento a festa se configura como um discurso referente a cultura de elite, ou seja, a festa veicula uma mensagem oficial, institucional (notadamente do Estado e da Igreja) que tinha por função a busca da normatização, da doutrinação, do controle político e ideológico das camadas populares da sociedade colonial. Mas, o que a autora quer nos mostrar é, justamente, que não podemos pensar o espaço festivo como sendo um espaço consensual. A função, o significado, a interpretação que a cultura de elite faz da festa não é igual àquela da cultura popular. Se a primeira tenta impor regras e normas, a segunda subverte essas normas. Então,

*"se por um lado observa-se as instituições tentando dar uma única função à festa, por outro vamos perceber o povo dela se apropriando de maneira peculiar. A festa, seus espaços e suas atividades vão ter outra interpretação nos olhos da multidão, a cada momento possibilitando uma inversão na sua utilização. Pondo a festa de cabeça para baixo, o povo fazia da reunião e do encontro o momento de protesto e caricatura das instituições modernas que tentavam adestrá-lo"(p.105).*

Podemos perceber que a festa, enquanto um produto cultural de cunho institucional, tem por função o controle; ela é produzida visando esse fim. No entanto, não podemos achar que os consumidores para os quais é destinado tal produto estejam passivos frente a ele, pelo contrário, o "consumo cultural deve ser tomado como uma outra produção, que evidentemente não fabrica nenhum produto, mas atribui significações a ele que nunca são idênticas às que o produtor atribuiu". Admitir o contrário teria como resultado postular que a festa tem um "sentido intrínseco", totalmente independente da sua apropriação de um

sujeito ou por um grupo de sujeitos" (Chartier, 1988:59). Assim concebida, a festa, embora comece com a norma, "uma vez começada transforma-se em exatário para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas na colônia", um atenuante frente à violência do antigo sistema colonial atingindo escravos, índios ou brancos empobrecidos; "a violência, mesmo da escravidão, a violência das relações humanas numa colônia de exploração"(p.90). Em síntese, a festa para a cultura popular era a própria oposição ao cotidiano, uma vez que nela comia-se, bebia-se, ria-se como nunca se fazia no restante do tempo, isto é, "era uma época de desperdício justamente porque o cotidiano era uma época de farta miséria" (Burke, 1989:202). Para a cultura das classes subalternas a festa significava um ritual de inversão.

O que a autora verifica, e agora entraremos em contato com o segundo problema fundamental, é que a festa significava, também, um repositório imenso de costumes e tradições conservados na longa duração histórica, o que permitiria, então, a ocorrência de um influxo recíproco de informações da elite para o povo e vice-versa. Isto é, o que ela aponta é referente ao que hoje se convencionou chamar de dialética cultural ou circularidade cultural, noção essa que acaba por romper com a visão que estabelecia uma fronteira rígida entre essas culturas. Mas não pensemos, com isso, que essa circularidade se dá através de uma passividade de ambas as partes, pelo contrário, ocorre mediante apropriações diversas e conflitos. O problema da aculturação está morto no contexto analisado, posto que, no espaço da festa ocorre uma fecundação mútua entre cultura de elite e cultura popular, "fazendo circular de uma para outra novos símbolos"(p.127).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, P. *A Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CHARTIER, F. *A História Cultural*. Rio de Janeiro, Difel, 1988.
- DUBY, G. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa, Estampa, 1982.
- OZDOU, M. A Festa, in: LE GOFF, J e NORA, P. *Histórias: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.